

APROVÍNCIA

Semanário

INFORMAÇÃO •• CULTURA •• RECREIO



Proprietária, Administrador e Editor
V. S. MOTTA PINTO

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA JOSÉ JOAQUIM MARQUES, 48 - A
MONTIJO
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA «GRAFEX» — MONTIJO

DIRECTOR
RUY DE MENDONÇA

Aviso importante

«A Província», no desejo de bem servir os leitores e em especial os seus estimados assinantes e anunciantes transfere a partir de 1 de Setembro próximo, os seus serviços de Administração e Redacção para a parte mais central da vila:

Av. D. Nuno Álvares Pereira
N.º 18 - 1.º - MONTIJO

Portugal na Índia

Os acontecimentos na Índia Portuguesa, chamam neste momento as atenções gerais, dentro e fora do País.

A posição de Portugal tem sido comentada por toda a imprensa do mundo em termos do franco e caloroso apoio à doutrina expressa pelos nossos dirigentes.

Profunda admiração, sobressai nalguns artigos de grandes periódicos franceses

e ingleses, forte apoio na imprensa brasileira e espanhola, sincera adesão nos jornais de Itália.

Outros países se manifestam, mais ou menos entusiasmados pela voz dos seus melhores jornais.

Que reflecte este movimento colectivo da imprensa mundial?

Um exemplo para o mundo, lhe chamam uns, um «teste» o consideram outros. Mas na nua crueza dos factos — uma torpe e vil agressão que se esconde sob o disfarce de *doce liberdade* e não passa de pura e simples *anexação* de territórios que fazem parte integrante de Portugal.

Milhares de satyagrahis estão a entrar hoje em diversos locais de Goa, Damão e Dio não sabemos, nem podemos prever as consequências desta acção que embora não apoiada oficial-

(Continua na página 7)

(Continua na página 7)

A SUINICULTURA

NOS ESTADOS UNIDOS

(Especial para «A Província» - Da College Station - Texas - U. S. A.)

pelo Dr. Ramiro Ferrão

X

Também não é grande importador. Todavia lemos há tempo que só da Polónia haviam sido importados, cerca de dez mil toneladas de fiambre durante o ano findo.

Deve interessar a alguns dos nossos leitores o facto de que o fiambre polaco goza aqui de grande cotação sendo vendido por preços elevados.

Os hábitos culinários do consumidor são também de considerar Assim verificou-se que a mecanização da agricultura e da indústria era acompanhada por uma quebra no consumo da carne de porco pois indivíduos que

até então só comiam carne desta espécie (a carne dos pobres) passavam a preferir outras.

As conservas de peixe e de outros produtos marinhos mostraram no E. U. serem concorrentes sérios. O dinheiro gasto nestes artigos aumentam cerca de quatro vezes entre 1939 e 1948.

A criação, sobretudo galináceos também passam a desempenhar papel importante na alimentação dos americanos em detrimento da carne do suíno.

E' de todos conhecida a grande dificuldade de colocação que em todos os países de economia mais desenvolvida a banha encontra em face das gorduras vegetais. Há 30 anos este produto representava 20% do valor do porco; hoje não chega a 8%.

Estes três exemplos ilustram a importância que no preço do suíno tem os produtos sucedâneos.

O sistema de mercados em uso nos Estados Unidos permite a observação de variações anuais, mensais, semanais e até diárias.

Já falámos das duas ou três primeiras em artigos anteriores.

As variações diárias não parece estarem relacionadas

(Continua na página 7)

As Festas do Barrete Verde em Alcochete

estiveram este ano melhores e mais animadas

As festas do Barrete Verde na vizinha vila de Alcochete, tão apreciadas pelo povo do Ribatejo e cuja projecção fora do Concelho é um facto que não merece contestação e que os milhares de forasteiros justifica, estiveram este ano melhores e valorizadas no seu arraial e feira instalada, com vistosas decorações na ampla avenida de Barão de Samora Correia.

A Toirada anunciada para Domingo passado, correspondeu em parte à expecta-

(Continua na página sete)

O Problema da travessia do Tejo

pelo Eng. António Belo

Estação Sul

Na margem sul, em local próximo ao Espigão do Montijo a fixar de harmonia com as instalações da Base Aero-Naval, será construída a estação sul com dispositivos de embarque análogos aos da estação norte.

Sendo a margem aí inteiramente desabrigada dos ventos dos quadrantes Norte e Oeste e muito espaiada, achando-se os fundos de (-4,0) distanciados cerca de 600 metros da linha do preamar, prevê-se a construção de uma ampla doca limitada por 2 molhes e do lado Norte construída no enfiamento da linha marginal do Montijo ao Samouco causando o mínimo de perturbações na corrente da cala de Samouco e defendendo o espaço abrigado contra os ventos do NNO e NE, os mais frequentes e incómodos, e o molhe Sul protegendo a doca contra os ventos do Sudoeste e Oeste.

Junto à margem conquistada se um espaço amplo, utilizando-se em grande parte os produtos de dragagem do interior da doca, para nele serem instalados o edifício da estação e locais para estacionamento de veículos.

Um canal com cerca de 300 metros de extensão entre a ponta dos molhes e a linha do fundo de (-4,0) assegura o acesso a esta doca.

Trata-se de obras de vulto, é certo, mas inteira-

mente justificadas pela natureza dos serviços que se pretende criar.

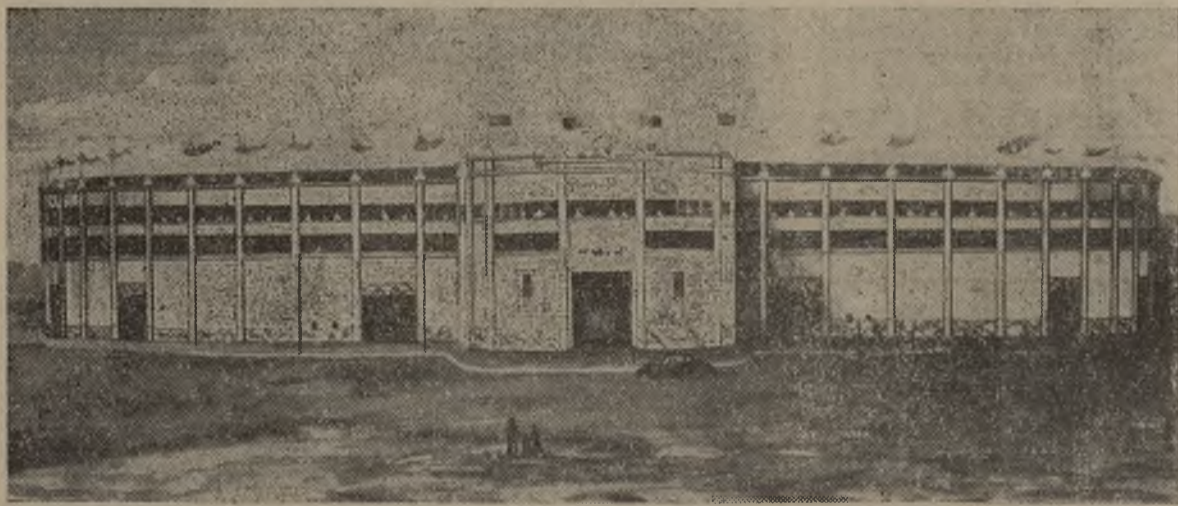
Obras semelhantes às que acabamos de indicar, isto é, um canal dragado e uma ampla doca com cais acos-

(Continua na página 7)

Queremos a Praça de Toiros

Um projecto que carece de alterações, não é motivo para ficarmos de braços cruzados a carpir máguas.

Se queremos a Praça de Toiros, teremos que trabalhar para isso!...



Projecto da fachada da Praça de Toiros de Montijo, da autoria do Sr. Architecto Amadeu José dos Santos.

De tudo quanto se tem dito e escrito sobre a futura Praça de Toiros de Montijo, nada é mais certo e oportuno do que esta verdade: — Pela 3.ª vez foi apresentado um projecto que não mereceu completa aprovação das entidades que se preentendem no assunto.

— Porque são sistematicamente reprovados os projectos da Praça de Toiros de Montijo?

Temos feito a nós mesmo,

algumas vezes esta pergunta.

Já alguém alvitrou que forças estranhas pretendiam o adiamento *Sine die*, desta pretensão do povo de Montijo.

Outros nos têm dito que o projecto tem deficiências técnicas nomeadamente na parte exterior.

Há ainda quem pretenda não ser de investir os dinheiros da Misericórdia em tal obra.

Afinal opiniões sem base, que andam de boca em boca, sem que alguém queira ou possa tomar a responsabilidade de as perfilhar ou apresentar como verdadeiras.

Este estado de coisas, a manter-se, traz prejuízo à realização da Praça e em nada beneficia os trabalhos para a sua consumação.

Do que oficialmente sabemos, e, para isso nos fomos informar à fonte de origem,

(Continua na página dois)

No próximo número

Reportagem gráfica

e impressões de uma visita

à «Colónia Balnear Infantil»

MONTIJO DIA A DIA

Agenda profissional

Médicos

Dr. A. Ferreira da Trindade
Rua Bulhão Pato, 42
Telef. 026 131 — MONTIJO

Dr. Alcides Cunha
MONTIJO
SARILHOS GRANDES

Dr. Avelino Rocha Barbosa
Interrompe a consulta até
30 do corrente,

Dr. Eduardo Gomes
Telef. 0260 38 — MONTIJO

Dr. Fausto Neiva
Largo da Igreja, 11
Das 10 às 13 e das 15 às 18 h
Telef. 026 256 — MONTIJO

Dr. João Azevedo Coutinho
Telef. 026 075 — MONTIJO

Dr. João Filipe Barata
Telef. 026 026 — MONTIJO

Dr. Gonçalves Guerra
Interrompe a consulta até
28 do corrente.

Dr. Francisco Sepulveda da Fonseca
INTERNO DE PEDIATRIA
(Doenças das crianças) dos
Hospitais Cívicos de Lisboa
Consultas às 2.^{as}, 5.^{as} e 6.^{as} às 16 h.
Rua Almirante Reis, 68 1.^o
MONTIJO

Farmácias de Serviço

De 18 a 24 de Agosto

5.^a - feira, 18 — *Geraldes*
6.^a - feira, 19 — *Montepio*
Sábado, 20 — *Moderna*
Domingo, 21 — *Diogo*
2.^a - feira, 22 — *Geraldes*
3.^a - feira, 23 — *Montepio*
4.^a - feira, 24 — *Moderna*

PNEUS
Mabor
AGENTE
TAMARCA, Lda.
Telef. 026152 Montijo

ÁGUA
CAMPILHO

Problemas da nossa terra

Ainda e sempre os transportes

Afinal, o que aliás já esperávamos, bradávamos no deserto, quando nesta secção apelámos para uma melhoria de transportes da nossa terra.

E, se a construção da *Ponte Sobre o Tejo*, não é problema de fácil resolução, se a possível mas difícil construção dos serviços de Ferry Boat y preconizados pela Casa do Ribatejo, é assunto de demorado estudo, o que aqui pedimos, quer à S. Marítima de Transportes e Empreza João Cândido Belo, quer ainda à Companhia Portuguesa dos Caminhos de Ferro, não se nos afigura de difícil solução mas sim do emprego dum pouco de boa vontade. E se não vejamos: Com o horário de Verão a Empreza Marítima, retira o barco que parte de Lisboa às 16,45, o que prejudica imenso quem àquela cidade se desloca e não pretende regressar à 1 hora do dia seguinte ou acha dispendioso a vinda pelo Barreiro, e assim pretendemos que esse barco, ainda que com um horário mais tarde para aproveitar a chegada a Lisboa do que daqui parte às 18 horas, se mantenha, sem prejuízo, claro, do barco da noite!

Pedimos também à «Setubalense» que mantivesse durante todo o ano o carro com partida de Montijo, às 22,10 horas, pois seria mais

um meio económico de comunicação com a capital, servindo uma região bastante populosa!

E aos caminhos de Ferro, pedimos também um apeadeiro no Bairro do Afonsoeiro, que julgamos lhe traria vantagem, beneficiando imenso aquele bairro com transporte que não se pode fazer por Camionete!

Ora isto afigura-se-nos não ser de difícil solução a não ser que não exista vontade para tal!

Bradaremos uma vez mais no deserto, ou destas nossas palavras alguma coisa aproveitaremos?

Aguardemos confiados e com paciência, que felizmente não nos falta.

Reporter W

Queremos a Praça de Toiros

(Continuação da 1.^a página)

é que o projecto cuja fachada publicamos hoje e é da autoria do jovem arquitecto montijense sr. Amadeu José dos Santos, tem algumas deficiências de ordem técnica, as quais resolvidas em novo projecto a apresentar, devem por certo trazer a solução do problema.

Porque esperamos? Amadeu José dos Santos, é um arquitecto novo, cheio de vontade e qualidades de trabalho, filho de um artista prestigioso que honra a nossa terra, não quererá deixar por mãos alheias, os seus créditos de profissional consciencioso e probo, estamos convencidos de que insistindo persistentemente na apresentação de novo trabalho, em face dos pareceres dos anteriores projectos rejeitados (especialmente o 2.^o) se poderá fazer algo que mereça a concordância plena de Sua Ex.^a o Sr. Ministro.

Não se veja agora nas nossas palavras, ofensas ou insinuações.

Nelas não existe, senão o grande desejo de colaborar numa obra que é de todos e para todos.

E se nos permitimos escrever, o que atrás fica... é porque para isso temos muitas e boas razões... e queremos de facto a Praça de Toiros.

Tendo V. Ex.^a que efectuar Seguros em qualquer ramo não deixe de consultar

Luis Moreira da Silva
Rua Almirante Reis, 27
Telefone 026 114

MONTIJO

Fotofilme trabalhos para amadores - Fotografias d'Arte - Aparelhos fotográficos
Reportagem Fotográfica
R. Bulhão Pato, 11 MONTIJO

BARRIS E CARTOLAS
Comprei na
«CASA CAMBOLAS»
Casa das Vergas
Telef. 026260 MONTIJO

O VI Aniversário da Sociedade Recreativa do Alto das Vinhas Grandes

Conforme havíamos anunciado tiveram lugar no passado dia 14 os primeiros festejos comemorativos do 6.^o aniversário da progressiva e simpática colectividade deste populoso bairro.

A Direcção composta pelos srs.: António José Marcelino, Presidente; Jorge Manuel de Sousa, Vice-Presidente; Manuel da Silva Picanço, 1.^o Secretário; José António Rocha, Tesoureiro; José Maria Patrício 2.^o Secretário; João Henriques da Silva, 1.^o Vogal e Arsénio dos Santos, 2.^o Vogal, foi coadjuvada pela seguinte comissão: Srs. Robim Francisco da Costa, Mário Marcelino, Manuel Gomes, Carlos Amaral, António Nobre, José Ferreira e pelas meninas Maria Isabel, Leonilde de Almeida, Perpétua Maria, Maria João, Maria Duarte, Isabel Adelina Perpétua e Maria Madalena, que trabalharam afanosamente para o brilho destas significativas festas.

Recebidos ao som de música e foguetes, pois que o Bairro estava em festa, fomos acompanhados pelo Presidente da S. R. A. V. G. sr. António José Marcelino, e por um elemento da Comissão sr. Manuel Gomes, na visita que fizemos ao edifício da colectividade e a algumas ruas do populoso bairro.

Da nossa visita ficou-nos a certeza de que esta colectividade representa já uma força importante naquele aglomerado populacional e porque assim é, não nos dispensaremos de em próximos artigos focar várias necessidades e anseios que os habitantes do Alto das Vinhas Grandes merecem ver realizados.

Muita gente.

Rapazes e raparigas dançaram ao som da Orquestra «Unidos do Jazz» do Alto Estanqueiro durante toda a tarde e até alta noite, só interrompendo para uma breve sessão solene onde despretenciosamente mas com sinceridade o Presidente da Direcção sr. António José Marcelino e pela Comissão de Festas o sr. Manuel Gomes, disseram breves palavras de louvor à obra da S. R. A. V. G. e saudaram o nosso jornal em palavras simpáticas de agradecimento e reconhecida gratidão pela nossa presença; pedindo para que fossemos intérpretes junto de Suas Ex.^{as} os senhores Presidente e Vice-Presidente da Câmara Municipal dos seus agradecimentos pelos auxílios

prestados e bem assim para que o bairro seja olhado com mais carinho e interesse afinde que com brevidade se solucionem os seus mais prementes problemas.

A sessão terminou com algumas palavras do Director do nosso jornal que felicitou a colectividade em Festa, desejando francos progressos para o futuro e agradecendo os elogios feitos pelo orador antecedente.

As festas continuam no próximo domingo em cumprimento do programa que publicamos no último número.

«A Provincia» agradece as atenções dispensadas e mantém-se como sempre ao dispor da popular colectividade.

Não acusamos... Mas lamentamos...

A Praça das camionetas

Não sabemos, até porque somos leigos na matéria, se o Código de Trânsito, permite o estacionamento a longo prazo dos carros de transportes colectivos nas paragens onde fazem praça! Nem tão pouco isso nos interessa grandemente, mas lamentamos sinceramente que se abuse um nadinha dessa regalia, se é que ela existe, principalmente ao Domingo em que o movimento é grande!

A afluência e movimento é enorme e então, com esse uso e abuso, os frequentadores dos cafés ali instalados não podem gosar um pouco das delicias do descanso aliado ao prazer espiritual de «ver» quem passa por aquelas imediações, ainda com a agravante, por vezes, desses carros ali estacionados trabalharem a óleo o que motiva um barulho ensurdecedor acompanhado pelo respectivo «cheiro» insuportável do combustível queimado!

Ora não se poderão remediar estes males?

O Indiscreto

Material Eléctrico

Cabos e fios condutores
Baquelites — Porcelanas
Iluminação fluorescente
Material Estanque - Tubo
Bergmann - Tubo de Aço

CANDEEIROS
TELEFONIAS
IRRADIADORES
VENTOINHAS
FRIGORIFICOS
Etc. — Etc. — Etc.

Tudo aos melhores preços
ABEL JUSTINIANO VENTURA
Praça da República — MONTIJO

NOTÍCIAS DA SEMANA

Agenda

Aniversários

— Dia 3, A menina Anabela Marques de Brito neta da nossa dedicada assinante sr.^a D. Clotilde Alves.

— Dia 9, A Ex.^{ma} sr.^a D. Adelaide Rodrigues Ollero, nossa dedicada assinante e competente Parreira-enfermeira em Montijo.

— Dia 10, A menina Maria Manuela Gervásio Caria, filha do nosso assinante sr. Manuel Freire Caria Júnior.

— Dia 13, A Ex.^{ma} sr.^a D. Glória Nepomuceno Gouveia, esposa do nosso amigo e assinante sr. Justiniano Gouveia, Ilustre Provedor da Santa Casa da Misericórdia de Montijo.

— Dia 13, A ex.^{ma} sr.^a D. Maria José Vasconcelos gentil filha do sr. Capitão José Maria Vasconcelos.

— Dia 13, A Ex.^{ma} sr.^a D. Manuela Ventura Valle, esposa do sr. Dr. Alberto Cardoso do Valle, muito digno Advogado e Conservador do Registo Civil de Montijo.

— Dia 14, O sr. Francisco Miguel Silva de Almeida, irmão do nosso assinante sr. António Maria Silva de Almeida.

— Dia 15, O sr. José Pereira dos Santos, proprietário da eficiente Tipografia «Grafex» onde é impresso o nosso jornal.

— Dia 16, A ex.^{ma} sr.^a D. Clotilde Serrador Cartaxo, esposa do nosso dedicado assinante sr. João da Costa Cartaxo.

— Dia 17, O sr. Joaquim Barreto Soeiro, nosso estimado assinante e pai da nossa dedicada funcionária Liliete Barreto Soeiro.

— Dia 19, O sr. Artur Marques Contramestre, industrial de barbearia e nosso bom amigo e assinante.

— Dia 21, O menino Joaquim Manuel Ferra Lopo, neto do nosso estimado assinante sr. Manuel Castanheira Lopo.

— Dia 23, A menina Palmira Maria Narciso, filhinha querida do nosso assinante e velho amigo enfermeiro Moisés da Silva Narciso.

A todos os melhores parabéns de «A Província».

Doentes

Há bastantes dias que se encontra retida no leito por grave doença a Ex.^{ma} sr.^a D. Aurora das Dores Silva. Para esta nossa dedicada assinante vão os votos de rápidas melhoras.

Nascimento

Deu à luz no dia 5 do corrente, em Montijo, uma encantadora menina, de Ex.^{ma} Sr.^a Dr.^a D. Maria Manuela Brandão Ferreira esposa do sr. Professor Luís António Caeiro Pita e filha do sr. Manuel Ferreira; considerado comerciante em Montijo.

«A Província» felicita o jovem casal assim como os avós da pequena a quem foi posto o nome de Maria de Fátima Brandão Ferreira Pita.

Espectáculos

Cartaz da Semana

CINE POPULAR

5.^a-feira, 18; (13 anos) «Mara Maru» com «Recordações de ontem».

Sábado, 20; (18 anos) «A grande noite de Casanova» com «A grande paixão».

Domingo, 21; (18 anos) «Todos os irmãos eram valentes».

2.^a-feira, 22; (18 anos) «Filhos de Ninguém» com «Abbot e Costello no Alaska».

CINEMA 1.^o DEZEMBRO

Sábado, 20; «Alegre Caravana» com «Rapazes da rua».

Domingo, 21; «Estrela da Andaluzia» com «Sangue Toureiro».

2.^a-feira, 22; «Bwana: terra do demónio» com «A loja do doído».

4.^a-feira, 24; «Os orgulhosos» Prémio Internacional da Bienal de Veneza.

Sociedade Filarmónica 1.^o de Dezembro

Passou no dia 8 do corrente o 1.^o aniversário do concurso realizado em Setúbal, no qual esta Banda conquistou brilhantemente o 1.^o prémio em 1.^{as} categorias.

Cheia de prestígio continua esta colectividade a ser solicitada para abrilhantar festas e romarias por todo o Portugal.

Assim, além de Arruda dos Vinhos para onde foi no dia 14, tendo chegado hoje, parte já no dia 20 para Trofa (distrito de Braga) afim de abrilhantar as festas daquela localidade em 21, 22 e 23.

Mas não ficam por aqui as saídas da S. F. 1.^o de D. este ano, pois em Setembro estará no dia 4 em Sacavém, dia 11 em Unhais, 12 e 13 em Sobral de Monte Agraço, 14 na Moita do Ribatejo e 25 e 26 em Santo Estevão.

Esta gloriosa colectividade teve ainda os seguintes convites que foram impossível satisfazer:— Granja, S. Paio de Oleiros, Lourdes (Póvoa de Varzim) Espovente, Arronches, Barreiro, Almada, Charneca do Lumiar, Peniche e Alenquer.

Esta indicação serve para mostrar quanto prestígio e valor artístico tem a S. F. 1.^o de Dezembro, através do país.

Falecimento ISAURA CORREIA

Vítima de uma melindrosa operação a que foi submetida no Hospital de S. José em Lisboa, faleceu na noite de 15 para 16 p. p. a sr.^a D. Isaura Correia Anaia de 46 anos de idade.

A extinta era casada com o sr. Manuel Fernandes Anaia, irmã da sr.^a D. Maria Balbina Pialgata e dos srs. Joaquim Correia e Eusébio Correia, mãe do sr. Manuel Anaia Correia.

O cadáver é transportado para Montijo onde se realiza hoje o funeral para o cemitério local.

A família enlutada, apresenta «A Província» sentidos pésames.

Trespasa-se

Estabelecimento na Travessa Afonso Pala 4 e 6 esquina da Av. João de Deus, 4. Trata-se no mesmo.

Arrendam-se

Courelas, sementeira e armazém junto ou separado, perto de Montijo. Trata na R. Bulhão Pato, 18.

EXCURSÕES

São inúmeras as excursões que por todo o país se organizam durante o ano.

Montijo, não fica atrás das outras terras neste capítulo, e Alcochete também não quer deixar por mãos alheias seus créditos.

Assim, além da excursão a Sevilha organizada pelo Ateneu Popular de Montijo, que no último número anunciamos, podemos hoje também falar sobre uma grandiosa excursão a Espanha em Setembro de 1956, organizada pelo Aposento do Barrete Verde de Alcochete.

São três dias em Salamanca, por ocasião das Festas e Feira de Setembro e 3 dias em Madrid, visitando o Escorial, Aranjuez e Toledo.

Os pagamentos estão facilitados em 64 prestações de 22\$50 com direito a passagem em Autocarro, alojamento e alimentação, bilhetes de sol para as 3 corridas de toiros em Salamanca e passaporte colectivo. Se quer garantir o seu lugar nesta bem organizada excursão, inscreva-se já na sede do Aposento do Barrete Verde, em Alcochete, ou pelo telefone 026 100 ou ainda pelo correio. As prestações são pagas semanalmente de forma a estarem totalmente liquidadas em 10 de Setembro de 1956.

Mas quem pretender viajar em Portugal tem também uma esplendida excursão que ao mesmo tempo é uma peregrinação ao Santuário de N. S.^a de Fátima nos dias 12 e 13 de Maio de 1956, em cómodos e luxuosos autocarros com T. S. F. ao preço de 156\$00 ou em cotização semanal de 3\$00. Uma organização da Casa das Vergas, de Francisco Pereira Cambolas para os seus clientes e amigos.

Agradecimento

A Direcção do Orfanato Dr. César Fernandes Ventura vem publicamente, embora saiba que com isso irá ofender a modéstia de sua Excelência, patentear ao sr. José da Silva Leite, digníssimo Presidente da Câmara Municipal de Montijo, o seu reconhecimento pelo carinho e dedicação dispensados aos internados daquele estabelecimento de assistência, quando da sua permanência na Colónia Balnear que funcionou na Casa Branca na segunda quinzena de Julho.

O Presidente da Direcção
Francisco Pedro Farreu

PNEUS
M A B O R

Agência oficial:
Viuva & Filhos de Román Sanchez

BAILES

«O Palmeiras» Club Montijense de Desportos

Na esplanada do Orfanato organizou este simpático grupo, no passado dia 13, um animado baile, abrilhantado pelo conjunto musical «Reis de Alegria», que se prolongou até tarde, num ambiente familiar.

Agradecemos o convite que nos foi dirigido.

Esplanada do Orfanato

Em continuação dos bailes levados a efeito pelo conjunto «Reis da Alegria», foi-nos dado assistir a mais uma *soirée*, no passado dia 14 que decorreu animada.

Da mesma organização, foi levado a efeito um baile na 2.^a-feira dia 15, abrilhantado pelo anunciado conjunto de Lisboa «Os Lírios» que satisfizeram plenamente na sua actuação, marcando a fama de que vinham precedidos.

Banda Democrática 2 de Janeiro

Na sua esplanada também esta colectividade tem continuado com a série de bailes sempre animados, apresentando no passado dia 14 o conjunto musical «Os Reis da Paródia» e no dia 15 o esplendido conjunto musical «Os Cariocas», que continuam a ser dos melhores que têm actuado esta época nas nossas duas esplanadas.

Uma festa na Cerâmica N.^a S.^a da Atalaia

Ainda referente às Festas de S. Pedro, realizou-se no passado Domingo dia 14 no refeitório da Fábrica de Cerâmica N.^a S.^a da Atalaia do sr. Joaquim da Fonseca Júnior um almoço entre todas as pessoas que colaboraram no arranjo do carro desta firma, que com tanto brilho tomou parte no cortejo de carros alegóricos, um dos números de maior efeito das nossas festas.

O prémio atribuído a este carro foi destinado pelo seu proprietário a esta festa íntima entre os seus empregados, tendo a ela assistido além do sr. Joaquim da Fonseca Júnior, sua ex.^{ma} esposa sr.^a D. Maria Orsélia.

No final falou o sr. António da Amadora que em nome de todos agradeceu o apoio moral e financeiro que o proprietário da Fábrica sempre prestou à iniciativa, pedindo para que no próximo ano lhes seja continuado a dar o mesmo apoio e colaboração não só por parte do sr. Joaquim da Fonseca como de todos que voluntária e desinteressadamente colaboraram este ano, para bom nome da firma que servem e de Montijo

Agenda

Férias

— Acompanhado de sua Ex.^{ma} esposa seguiu para Barril de Alva — Arganil, o nosso assinante sr. João Nunes de Carvalho.

— Encontra-se na Curia, passando alguns dias de merecidas férias, o sr. António João Serra J.^o, ilustre vice-Presidente da Câmara Municipal de Montijo e nosso prezado amigo e assinante.

— Para a Nazaré, seguiu o sr. Joaquim Lúcio, nosso querido amigo e categorizado funcionário do Hospital da Santa Casa da Misericórdia.

— Na Curia, encontra-se há já alguns dias acompanhado de sua esposa, a sr. Francisco Pedro Farreu conceituado comerciante da nossa terra e digno Presidente da Direcção do Orfanato Dr. César Fernandes Ventura.

— Para Aldeia do Bispo (Penamacor) o nosso colaborador ilustre Prof. José Manuel Landeiro, acompanhado de sua Ex.^{ma} Esposa e filhinha.

Exames

Os exames de admissão ao liceu e escolas técnicas tem em Montijo grande afluência de alunos.

Publicamos hoje os nomes de dez alunos propostos pelo sr. prof. José Manuel Landeiro nosso muito querido colaborador e que ficaram na totalidade aprovados:

Américo Domingos Aguiar de Pinho, Américo da Luz Manso de Carvalho, António Baltazar Ramos Dias Valente, Domingos Soares da Silva Gingeiro, Hermano Rodrigues Marques, Jacinto Manuel Marques Aleixo, João José Coutinho Fernandes Balcira, Luís Américo Carapinha Cabrita, Victor Castanheira da Costa e João Luís Macarrão Albuquerque.

Aos jovens estudantes, famílias e seu professor os melhores parabéns de «A Província».

Acidentes

— No Domingo na praia da Casa Branca sofreu acidente de certa gravidade, de que resultou fractura de uma perna, o menino José Júlio Costa Canarim Nepomuceno, filhinho do nosso amigo e redactor desportivo de «A Província» sr. José Canarim Nepomuceno.

— Também no Domingo à noite quando seguia numa «Scotter» sofreu um acidente de que resultou fractura de um pulso o sr. António José Rita, estudante finalista da Escola de Medicina Veterinária e filho do ilustre advogado Montijense e nosso prezado amigo sr. Dr. António Gonçalves Rita.

Lamentando o sucedido desejamos pronto restabelecimento.

Salineira Montijense

DE

Jaime Pereira Crato Araújo

Armazenista Distribuidor de Sal - Inscrito na Comissão Reguladora dos Produtos Químicos e Farmacêuticos.

a Salineira Montijense

encontra-se à disposição de todos os seus estimados clientes no seu Armazém na

Rua António Semedo, n.^o 12 - Junto ao novo Mercado

Telef. 026 413

MONTIJO



Agente exclusivo
em Montijo:

Santos &
Miranda, L.^{da}

Rua da Cruz

23 - 23 - A.

Telef. 026214

Na feira da vida

De quando em quando Fábula

A' memória de La Fontaine seu genial cultor
...que me releve a ousadia da tentativa.

O galo que mudou de capoeira

Para as crianças da minha terra

*Era uma vez um galo, novo e emproado,
De penas multicores, escuras, luzidias,
Que em certa capoeira pobre, empoleirado,
Mandava nas galinhas com suas cantorias.*

*Tinha tudo o que queria naquele humilde meio,
Senhor onnipotente de toda a criação!...
Até um dia... que, por conveniência, veio
P'ra outra capoeira de rica habitação.*

*E foi bem recebido no seu novo poleiro
P'las galinhas que gostavam do seu cantar.
Julgou-se, em toda a região, ser o primeiro,
E em todas as outras aves poder mandar.*

*Mas havia um faisão por todos muito querido,
P'la sua dignidade de ave independente,
E por ser dos pintainhos um pai 'stremecido
Por tudo o que lhes dava, qual bom cristão que sente.*

*E teve que se impor o bom faisão um dia
Gostando muito pouco do seu cantar-lar...
E o mesmo aconteceu a um rouxinol que havia
Ao ter a percepção de nele querer mandar.*

*...E a outra criação que havia no lugar
Vivendo indiferente à sua capoeira,
Raríssimas vezes ouvia o seu cantar
Na rica habitação, enorme, hospitaleira...*

*Todas as Fábulas têm o seu conceito
Esta também o tem — eu não me ageito
A escrever só poesia!...
Como o galo... há p'ra ai muito cavalheiro
Que bem melhor seria
Nunca sair do seu «poleiro»...*

Manuel Giraldes da Silva



Gabinete de leitura

Carne Viva — Romance de Mário Soldati — Editorial Minerva — Lisboa.

Carne Viva, o Romance que a Editorial Minerva, agora publicou, traduzido do italiano por Cabral do Nascimento e Inácia Dias Fiorillo, com um Prefácio do Dr. António Fiorillo, professor do Instituto de Cultura Italiana em Lisboa, é na verdade uma verdadeira obra prima da moderna literatura Italiana a que perfeitamente assenta o Prémio Strega, com que foi contemplado em 1954.

Os protagonistas de «Carne Viva» são um casal de americanos ligados por recíproca estima, mais do que por amor; uma calma convencional, união familiar que desconhece as perturbações do desejo carnal.

Descobriram, durante uma longa permanência em Itália, e sem que um soubesse o que se passava com o outro, o amor dos sentidos, com a cumplicidade de «partners» italianos.

Apodera-se de cada um deles uma sensação de culpa em relação ao outro: o contraste entre essa culpa e a atracção para o próprio pecado é o tema principal do livro.

E' este, em resumo, o argumento do singular romance que, contudo, se torna, na pena subtil de Soldati, pretexto para pungentes, surpreendentes, capciosas variações sobre o mistério do ser, sobre a escravidão da carne,

sobre o pecado nascido com o homem.

A tradução muito cuidada valoriza o livro que como é apanágio da Editorial Minerva tem óptimo aspecto gráfico.

Gratos pela oferta da tradutora sr.^a D. Inácia Dias Fiorillo, a quem felicitamos muito especialmente, pelo seu primeiro trabalho, que sem favor se pode considerar muito bom.

Jornal de Almada — Semanário.

A Rabeca — Semanário de Portalegre.

O Entroncamento — Bi-Semanário.

O Figueirense — Bi-semanário da Figueira da Foz.

Gazeta do Comércio e da Indústria — Semanário, de Lisboa.

Gazeta das Caldas — Semanário, das Caldas da Rainha.

O Castanheirense — Semanário, de Castanheira de Pera.

O Desforço — Semanário, de Fafe.

Visitaram-nos pela 1.^a vez estes jornais com os quais vamos com todo o prazer permutar.



CHAVENAS DE CAFE QUASE AMARGO

pelo Dr. Cruz Malpique

Disciplina escolar

A disciplina verdadeira é a espontânea, a baseada na liberdade ocupada por algum trabalho que dê prazer realizar. Quando, numa escola, verificamos o silêncio vindo de uma actividade que os alunos realizam de acordo com as suas necessidades espirituais, estamos em presença de uma disciplina centrífuga, — com origem central. E' essa a disciplina verdadeira. O indivíduo a quem, pela força, tornamos imóvel como se fôra um paralítico, ou quem constrangemos ao silêncio como se fôra um morto, é o falso disciplinado. E' um aniquilado — mas não um disciplinado.

Há duas espécies de disciplina — a morta e a viva, a passiva e a activa. A primeira consegue-se pela opressão sistemática: não cria, esteriliza, amarfanha, despersionaliza, embrutece. A segunda obtém-se deixando viver o indivíduo as actividades construtivas que se ajustam à sua específica vocação, às suas reais aptidões, aos seus confessáveis interesses.

Se a escola que aí está recorre tanta vez ao castigo disciplinar, isso se deve principalmente a ser um ambiente em quase inteiro desacordo com as necessidades dos educandos. Postas assim as coisas, podemos afirmar que a escola tem a indisciplina que merece, e que ela, por estupidez pedagógica, cria. Escola onde

A semana histórica

Coordenação de
Frei Agostinho de Penamacor

Dia 18 — 1897 — Faleceu Sousa Martins, lente da Escola Médica, professor e clínico ilustre, natural de Alhandra, autêntica glória da ciência.

Dia 19 — 1812 — Trava-se a célebre batalha Valentina, na Rússia, em que entraram soldados portugueses.

Dia 20 — 1715 — D. João V, reorganiza o Exército Português.

Dia 21 — 1808 — Trava-se a batalha do Vimieiro.

Dia 22 — 1422 — D. João I decretou que a era de César fosse substituída pela de Cristo.

Dia 23 — 1484 — D. João II mata em Setúbal, o Duque de Viseu.

Dia 24 — 1912 — Morre Bulhão Pato.

muitos castigos se aplicam usa necessariamente de uma pedagogia errada.

— Que é preciso para educar João?

— E' preciso conhecer os preceitos da educação — responde meio-mundo.

— Não contestamos. Mas é, sobretudo, necessário conhecer João, Paulo, Sancho e Martinho... crianças ou adolescentes a quem a educação vai ser ministrada.

E essa formalidadezinha não tem sido cumprida, ou só precariamente o tem sido.

Ver os peixinhos

por conta própria...

Uma criança vê outras crianças mais crescidas à volta de um pequeno aquário em cima de uma mesa. Arde em curiosidade de ver também os peixinhos. Deita contas à sua vida. E' baixa de mais para ver a maravilha. Que fazer? Pensa — e solta para dentro o seu eureka! Puxa de uma cadeira, e já se dispõe a trepar, quando a mestra (isto se passa numa escola maternal) corre, solícita, a tomá-la nos braços, para que ela veja os ambicionados peixinhos.

Não fez bem a mestra. Foi mãe — mas não foi educadora. A autêntica educadora ter-se-ia coibido de dar a ajuda à criança, consentiria que ela trepasse à cadeira, e tudo isso faria por amor da criança, permitindo a esta alcançar uma real vitória sobre as dificuldades ambientes. O trabalho poupado à criança, naquela conjuntura, foi um autêntico roubo feito ao espirito de iniciativa do educando. E' nadando que se aprende a nadar. Não se aprende a nadar por correspondência. Pois não aprendemos a resolver dificuldades tendo alguém que no-las resolva.

A criança viu os peixes, ao colo da professora. Mas com maior prazer os veria, se os visse por conta própria. Até onde se puder fazer que a criança resolva as suas dificuldades por si mesma — não deve o adulto intervir. As pequenas descobertas da criança, as suas pequenas vitórias pessoais, são de um valor incalculável. Na medida em que fôr possível levar a criança a emendar os seus próprios erros deveremos nós, adultos, abster-nos de intervir, fazendo-lhe aquilo que e pode realizar. E' essencial dispor da paciência necessária para esperar que a criança corrija os seus erros. Poupá-la ao

Como ne epidemia

Favras

Czada!

A ideia favras cruz das nasc... ceta de lo ginha... ária da (dade do... é digna contar... as palavr... No cont... Oxfordshi vivia um... de proprie... rios cuje... de era apen... perturb... ez em quan... pela em... do maric... um seun... oso e simj... tico que... mava Vict... Orville.

Uma quando os d... esposos... unham a... gressar... após an'ma... serão em... uns amig... a senho... lle chamou... atenção... companhei... para o pa... escorrega... das rua... veriu-lhe q... entrega... ante do au... móvel a... regado tal... com a... mais des... arviada. O... protestou... não acei... gustação.

desastre... de deu pou... depois... a morte... sr.^a Orma... viúvo n... obstante... inconsolá... desgosto... denado p... morte da... sob a a... sação de... áncia.

Recolh... são, morti... cado pe... graça e a... fado de... seus antig... amigos... iz conse... que o tra... em da Ing... terra pa... do Sul. penitenc... anda tent... trabalho... stria de sac... de papé... sua saú... abalada... he permi... muito... ocupaç... Passou... viver exclu... vamente... do na sua e... — a n.^o 72.

Sugest... talvez pe... grades... , começot... traçar a... papel linl... horizont... verticais, f... mandoc... que ocupa... achia a neg... De tal for... absorveu... estranha... ação que... guarda... participo... caso ao... e este pe... ao médi... imbecime... que exa... com cau... o preside... vencido... que se tra... uma pelc...

Orville... eendeu fá... mente: t... no por lot... e explic... solução c... encontrar... entreter... seus dia... orira as pa... vras cruz...

O médi... primeiro e... taminado... esa «doenç... que em... transmittiu... director... strou rápi... mente ca... epidem... Não tant... uma jor... fizesse... o passat... invento... Oville s... e, quando... com a p... da penit... seu no... expiada... dois milh... um dep... então u... de libra... viveu i... lado, com... 732, a fa... palavras... A sua ve... criou a... heriou a... tuna, na... forma m... prôpri... lomenag... senão cob... a campa... uma laç... se vê e... vado um... gulo divid... por traç... ontais e... ticsis, que... am peque... quadrado...

trabalh... al de d... descoberta... maior dos p... juízos. Há... que di... nem...

de um grande pintor

Auto-Biografia de José Malhõa

Amigo:

E' extraordinariamente fatigado, aborrecido e enjoado, que te escrevo esta, por motivos que nada vêm para o caso; portanto passo a dar-te as minhas notas, como me pediste.

Nasci uas Caldas da Rainha, vim para Lisboa com uma perna quebrada aos 8 anos, e cursei preparatórios na Escola Académica.

Entrei para a Escola de Belas Artes aos 12 anos, destinando-me a entalhador; tive no 1.º ano o primeiro prémio, o que levou o nosso grande artista Leandro de Sousa Braga, à loja do qual me destinava e quem primeiro me encaminhou e animou as minhas tentativas artísticas, a dizer a meu irmão: «homem, visto o rapaz mostrar disposição deixa-o continuar, que a todo o tempo é tempo dele vir cortar madeira».

Isto é uma fase importante da minha vida, e disto dependeu, eu ser o que hoje sou, pouco ou muito, como quise-rem.

Fiz o curso da escola, tendo sempre no fim de todos os anos o primeiro prémio. Conclui o curso, entrei em dois concursos para pensionista do Estado no estrangeiro, mas por todas as patifarias que já conheces, consegui com o meu trabalho, que a Academia, para não descontentar ninguém... não mandasse nenhum!

Despeitado por tal insucesso, parti pincéis e paleta, e jurando não mais pintar, fui... para caixeiro na loja de meu irmão (artigo: modas e confecções para senhoras e crianças!), onde estive três anos, mas só não pinteí 6 meses, ao fim deles o bichinho morreu, e como tinha duas horas para jantar, comecei a jantar em dez minutos e o resto empreguei os a pintar o quadro «A Seara Invadida», que foi à exposição de Madrid, e que tendo um certo sucesso, me começou a fazer formigueiros na cabeça e a fazer-me desejar novamente a arte!

Mais ainda: quando eu estava fazendo este quadro, foi visto por bastantes pessoas, e começaram a falar dele; e onde mais discutido, foi em casa duma senhora da alta aristocracia em noite de baile, e em que ela, ouvindo dizer e falar em um caixeiro que pintava quadros, naturalmente jurou aos seus deuses, que me daria uma escovadela, por ter tal atrevimento!

Um belo dia entrou na loja e por

tal desgraça estava eu só, ao balcão começou por me dar uma descompostura em forma, dizendo-me que eu lhe tinha estragado uns chapéus (de que eu nada sabia!) etc., etc., e depois duma descompostura, digna da Ribeira Nova ou Praça da Figueira, perguntou-me:

«O Sr. é que é pintor? Já sei, já sei. O Sr. tem muito talento, mas é muito pouco patriota, visto ir expor em Madrid, antes de aqui se ver, etc. etc., acabando por dizer que ainda era mais extraordinário que eu, pintor de tanto talento, lhe escangalhasse os chapéus!»

Isto e mais, desgostou-me de tal maneira que, casado e com muitos encargos, e tendo em casa duas libras, resolvi-me a tentar novamente a arte, e assim fiz, em tão boa hora, que fui pintar o tecto do Conservatório, em seguida o tecto representando a Justiça, para Beja, depois o tecto do Supremo Tribunal de Justiça, em Lisboa, etc.

Trabalhos mais importantes: três cabeças a claro-escuro na entrada do Museu Nacional de Belas Artes, «O Viático ao termo», propriedade do Barahona, de Evora, «Aldeia dos Escalos», propriedade da Rainha, «O primeiro Cigarro», propriedade do Infante, «Pensativa», do Marquês da Foz, tecto da Casa Burnay, dois tectos de sala e quarto de cama do Infante, que estou a concluir, enfim, trabalhos dessiminados pelo Brasil, Pereira de Carvalho e muitos que agora me não lembram.

E' verdade: o retrato da filha do Suavinet, que na opinião do Mestre e na minha, é a minha obra prima, e a «Descrição da Batalha da Asseiceira», que figurou na exposição industrial.

Medalha de prata no Brasil, medalhas de bronze e de prata, com distinção, na Sociedade Promotora de Belas Artes, Hábito de Cristo pela classificação de 1.º prémio que obtive no concurso da «Partida de Vasco da Gama». Este Hábito, tive-o, não porque no concurso se promettesse, mas porque Sua Majestade que Deus guarde, assim entendeu fazer-me mercê.

Aqui ficam, bem despreziosamente alinhavadas as minhas notas, sem exageros e com o maior laconismo que me foi possível arranjar,

Julgo que assim satisfaço o teu pedido.

Teu
José Malhõa

Poema de Amor

Cala-te!... Cerra a tua boca aos corvos e aos jamais...

Deixa-me escrever este poema de Sol e de vergeis! Olha o mar: como está belo e azul!... Como está meigo... e altivo!...

Lá vai ele, de mansinho... tão de manso... Ei-lo que volta, altivo, impetuoso! Mas não fales... deixa-me escutar os rouxinóis que moram naquele salgueiro; deixa-me escutar a sua canção de amor... não olhes para as sombras: não vês além, junto à comporta do moinho, uma cachopa, vermelha como o Desejo? — Está escrevendo um poema de amor nos olhos do moço moleiro... E além, na lezíria extensa, não ouves o cantar arrastado das gentes dos arrosais?

— O meu amor tem dois olhos... Ouves? não ouves como cantam bem? — Dois olhos que deitam lume... Sempre um poema de amor a ser escrito... Vamos: cerra os teus olhos de mansinho... assim; agora escuta o lindo conto de fadas que te conta a Natureza: o murmúrio das águas, a cantilena das mondinas, o talão dos chocalhos... Mas tapa o rosto: não deixes o Sol beijar-te os lábios carnudos; que etse poema, quero escrevê-lo eu com a tinta do meu sonho... este será o meu poema, o nosso Poema de Amor! ..

Eduardo Estulano

Uma letra a desconto...

Uma história alegre

de Nuno de Menezes

A Pulquéria, era uma linda rapariga, rosto macilento, cabelos lisos e serenos como um lago em dia de calmaria.

Tinha uns olhos grandes, como azeitonas de Elvas, emoldurados em espessas sobranceiras que com a farta cabeleira, davam ao seu mimoso rosto o encanto preciso para ornamentar o descomunal nariz, olhando debruçado o longo e descaído lábio inferior, que lhe ofertava um lindo sorriso, deixando antever uma fiada de dentes, mais comparados a téclas de órgão... de remoto convento. Não se podia dizer feia a Pulquéria. Era um tipo de rapariga original, o enlevo dos Pais e a fina flor do entulho da família. Também se podia dizer muito prendada porque sabia fazer bastantes coisas e até mesmo nada...

Ufanava-se imenso por ser dona de um fiozinho de voz, muito macia e gordurosa, rivalizando com o melhor azeite puro, de oliveira. Resumindo; era uma donzela século XX, com rosto e corpo duma rapariga de 15 anos D. C. (depois de Cristo)... Seu rosto lembrava um cartaz publicitário de produtos de beleza.

Fazia anos a Pulquéria. Que alegria no seu coração, já carcomido pela paixão de certos rapazolas, que tinham nela um pneu de socorro, uma caricatura de Cupido...

Logo pela manhã, ainda em camisinha de noite, que pela transparência e obra e graça do contra luz da janela mostrava a sombra das pernas «alcatadas», correu ao espelho para presencear a primavera a florir-lhe. Então suspirou, uma vez e outra... que fundo, fazendo arfar o seu peitinho descarnado, lembrando uma tábua de lavar roupa, onde o Asdrúbal, o vizinho do lado, tantas e tantas vezes lavou os deditos, num gesto de lava mãos, à laia de Pilatos...

De repente, a porta do seu quarto abriu-se. De braços abertos, semi-gorda, semi-cilíndrica, surge a Mãe, pedindo licença... a uma perna para mexer a outra, que de braços abertos, deu o primeiro beijo e abraço de parabéns à sua encantadora Pulquéria, que fazia neste dia 35 risonhas primaveras a encaminharem-se para o Outono.

A Pulquéria, sòmente

esboçou um leve sorriso, em sinal de agradecimento, porque mais nada podia fazer devido ao peso da lábio inferior que tremelicava de contentamento. Em seguida rompendo as frinças da porta, qual sol radioso em manhã de Abril, (digo sol radioso, porque era careca), o sr. Rogado, o simpático papá da menina, marcando a sua presença com um repenicado beijo, muito lambusado na face da sua encantadora primogénita. Depois, coçando o pavilhão auricular que devido à grande abundância de pelos mais lembrava um ninho de abutres, foi dizendo em tom de barítono, (sim que o sr. Rogado, tinha um Bar...) e em gestos de grande oratória: «Minha filha. Nesta consagrada data, faz hoje precisamente 35 anos que, esta mulher, minha esposa amantíssima e que é tua Mãe embora não pareça, te deu à luz. Espero que te sintas feliz por te conservares junto dos teus, até à presente data. Se feliz, Pulquerita.»

A Pulquéria, então toda dengosa, sòmente balbuciou um obrigado forçado, pondo os olhos em bico, assim à laia de estrela de cinema, quando o galã lhe abre os braços, e lhe diz para trepar por ele acima. Sentia-se feliz, com tantas palavras de conforto.

Foi-se vestir, estrear um lindo vestido, oferta da tia Eulália, que há muito se encontra paralitica, sòmente para não fazer nada, pois que já nasceu cansada. Encantada com a nova vestimenta, pediu conselho ao espelho o mais íntimo amigo, talvez o único.

Via se toda gingona, envolta no seu vestido amarelado canário, sapatos verdes e lacinho pendente ao lado, vermelho escuro. Sentia-se ainda, cheia de muito bom gosto, para um dia de aniversário.

A' tardinha, foi servido no patamar do terraço, um «nascido da lua», pois que dada a hora tardia nunca se poderia chamar «Pôr do Sol» onde por sobre as mesas predominavam os ovos moles, (as armas da simpática família). Ao centro, erguia-se sumptuoso o bolo natalício, com uma grande aglomeração de velas, que mais lembrava a fachada de um edifício público em

(Continua na página 7)

Como epidemia

Palavras

Czadas

A ideia de palavras cruzadas nasceu há cerca de cinquenta anos na Cidade do México. O senhor Oxforshire vivia um dia de férias em Oxfordshire e estava a escrever uma carta a um amigo quando o marido, um senhor muito simpático que se chamava Victor Orville, chegou. Quando os dois esposos estavam a regressar para casa, o senhor Oxforshire chamou a atenção do companheiro para o papel descorregado das ruas que lhe entregaram o automóvel a caminho de casa com a chave desanunciada. O senhor Oxforshire não aceitou a sugestão de desistir da viagem e deu pouco depois da morte da sr.ª Orville. O senhor Oxforshire não obteve a consolação de desistir da viagem e deu pouco depois da morte da sr.ª Orville. O senhor Oxforshire não obteve a consolação de desistir da viagem e deu pouco depois da morte da sr.ª Orville.

Recolheu a sua mortificação pela perda da graça e afastado dos seus antigos amigos, conseguiu que o trabalho em da Inglaterra parasse do Sul. Na penitência de tentar trabalhar com a sua saúde abalada, conseguiu muito trabalho e ocupação. Passou a viver exclusivamente na sua cela.

Sugeriu talvez pelas grades que começou a traçar as linhas horizontais e verticais, formando um quadro que ocupava com letras a cor preta e branca. De tal forma absorveu essa estranha ocupação que o guarda da prisão participou o caso ao médico e este pediu ao médico que examinasse com cautela o presidente convencido de que se tratava de uma psicose.

Orville conseguiu facilmente a solução que encontrou entre os seus dias e a palavra.

O primeiro contaminação «doença», que em seguida se transmitiu ao director, tornou rapidamente epidemia. Não tardou a ser proposta a o inventar o tempo e, quando Orville saiu da prisão com a pena de dois milhões de libras, ele então uma pequena ilha isolada, com a fazer palavras cruzadas.

criada, que deu forma mais próxima a homenagem a uma campanha com uma lagarta se vê gravado um círculo dividido por traços horizontais e verticais, que foram pequenos

trabalho de descoberta é causar a dor dos prejuízos. Há quem os

DESPORTOS

«O Setubalense» O futebol, e o nosso clube

Com a devida vénia e os agradecimentos ao Tri-Semanário «O Setubalense» transcrevemos a parte final dum artigo publicado nesse nosso confrade de autoria do nosso amigo e seu editor, sr. Domingos Tavares Roque.

Este velho desportista após variados comentários discordantes do Projecto Novo Regulamento para o Campeonato Nacional da II Divisão, e em que toma por base o progresso de futebol sem olhar aos males e bens que isso possa acarretar, termina da seguinte forma:

«Aliás, neste caso Setúbal não tinha interesse na modificação do regulamento, ao passar-se de 2 para 4 zonas. O Clube Desportivo de Montijo é o nosso representante na Prova. Entendemos que essa representação está muito bem entregue. Ainda que o digamos com mágoa, temos que confessar, no momento, não existem outros clubes preparados para o acompanhar, como se pretendeu fazer acreditar, com a chamada que o novo regulamento fazia, a mais dois ou tres representantes da A. F. S.

Sabemos que o Desportivo de Montijo fez na última época os maiores sacri-

fícios para se manter em igualdade de circunstâncias aos outros concorrentes, dois dos quais passaram à I Divisão. Porque razão apareceram agora aqueles reformadores do actual regulamento, a quererem deitar fora o que de bom se fez na última época?»

Como órgão defensor dos interesses de Montijo e justamente por já aqui termos defendido o mesmo ponto de vista, pela pena dum dos nossos redactores, não podíamos ficar indiferentes ao artigo em questão, até porque se foca em especial o caso do Clube da nossa terra!

Telefone 026 579

Data boas Fotografias

Foto Montijense

RESTAURANTE

ALENTEJANO

Proprietário:

Angelo Marques da Silva

O único Restaurante de

BEJA

(Junto ao Mercado Público)

Telef. 149

BEJA

Batala de semente e consumo

Cereais e legumes

Celeiro

Montijense, Lda.

Junto ao novo mercado

Telef. 026413 — MONTIJO

FUTEBOL

Vai começar a nova época

Calendário dos jogos em que intervem a equipa do

Clube Desportivo de Montijo

- | | |
|--|---|
| 1. ^a Jornada — 4 de Setembro
Oriental - Montijo | 8. ^a Jornada — 23 de Outubro
Montijo - Coruchense |
| 2. ^a Jornada — 11 de Setembro
Montijo - Beja | 9. ^a Jornada — 30 de Outubro
Elvas - Montijo |
| 3. ^a Jornada — 18 de Setembro
U. de Montemor - Montijo | 10. ^a Jornada — 6 de Novembro
Montijo - Portalegrense |
| 4. ^a Jornada — 25 de Setembro
Montijo - Juventude | 11. ^a Jornada — 13 de Novembro
Arroios - Montijo |
| 5. ^a Jornada — 2 de Outubro
Olivais - Montijo | 12. ^a Jornada — 20 de Novembro
Portimonense - Montijo |
| 6. ^a Jornada — 9 de Outubro
Montijo - Olhanense | 13. ^a Jornada — 27 de Novembro
Montijo - Farense |
| 7. ^a Jornada — 16 de Outubro
Estoril - Montijo | |

A primeira mão compete aos campos dos clubes indicados em primeiro lugar.

Album da viagem do Benfica ao Brasil e Venezuela

Vai ser editado um album profusamente documentado, da Viagem ao Brasil e Venezuela da equipa de futebol do Benfica.

Parte do produto de sua venda destina-se ao novo estádio dos campeões nacionais.

A edição é dirigida pelos jornalistas Luís Bonifácio, Redactor em Lisboa do nosso Jornal e José Gabriel.

«A Província»

ASSINATURAS

Pagamento adiantado

10 números — 9\$90
20 números — 20\$00
52 números — 50\$00 (um ano)

Províncias Ultramarinas e Estrangeiro acresce o porte de correio

Columbofilia

Galeria dos campeões

Castelo Branco - Montijo: 186 kl.

Rosendo da Silva Samoreno

fala para o jornal «A Província»

Procuramos há dias Rosendo da Silva Samoreno, para nos dizer se estava satisfeito com a sua segunda vitória esta época.

— Sim! embora não tenha sido sempre feliz nas entradas rápidas, o que me faz perder bastante tempo, mas espero igualar Victor Viagas com três vitórias nesta campanha.

— Com que ave venceste esta tirada?

— Foi com um filho dos meus «Benficas», reprodutores excelentes que já me deram quatro campeões, oferecidos pelo excelente amador montijense José Martins Barros.

— Sei que tens uma boa nova para dares aos leitores columbófilos, podes dizer-nos?

— Estou radiante por os informar que o excelente amador Alfredo Marques Soeiro, vai voltar à actualidade, ele que com grande mágoa abandonou a columbofilia.

— Qual a tua opinião sobre os dirigentes da S. C. Montijo?

— E' meu desejo declarar que os dirigentes, não cumprem cabalmente a sua missão, e daí o desinteresse, por tudo o que de mais perto diga respeito à boa prática da nossa modalidade, a continuar assim a columbofilia local não será

mais que um sonho, que se realizou e pouco durou.

— Desejas dizer mais alguma coisa?

— Sim como íntimo amigo de todos os amadores de Sarilhos Grandes, lamento o desinteresse nos últimos concursos, obrigando um amador de vastos recursos como Joaquim de Jesus Dias a abandonar a competição, que se dediquem com bastante entusiasmo à columbofilia e não será ele sempre o vencedor.

— Obrigado Rosendo, que os teus desejos sejam uma realidade, é o que nós desejamos.

Eduardo Baeta

ÁGUA
CAMPILHO

Clubes populares

«Os Bairros Unidos Futebol Clube»

por Amândio José

Fundado em 1 de Julho de 1952 «Os Bairros Unidos», outro clube popular desta laboriosa vila de Montijo, muito se tem evidenciado não só para o seu engrandecimento, como também para desenvolver o nome dos clubes populares montijenses.

Para sabermos um pouco da sua história deslocámo-nos ao Bairro da Barrosa onde «Os Bairros Unidos Futebol Clube» têm a sua sede. E aí em amena conversa com o sr. João Francisco José, presidente do clube, começámos por lhe perguntar:

— Como nasceu a ideia da formação do vosso clube?

— Tudo isto começou primeiramente com a reunião de um certo número de rapazes que se juntavam para jogar à bola. Mas mais tarde nasceu a ideia de formar um grupo a sério. Para tal começámos por dar um nome ao clube, seguidamente procedeu-se à nomeação de uma direcção e por último à angariação de novos associados, que hoje

se contam por algumas dezenas.

— Diga-nos sr. Francisco José qual a origem do nome do vosso clube?

— O nome de Bairros Unidos nasceu da situação em que se encontram os bairros do Peixe e da Barrosa. Isto é: como estes bairros se encontram «colados» um ao outro, e como a maior parte dos elementos do nosso clube são habitantes desses bairros daí nasceu a ideia de denominarmos o nosso grupo com o nome de «Os Bairros Unidos».

— Qual a vossa melhor recordação?

— A nossa melhor recordação reside num torneio que disputámos no dia 12 de Setembro do ano passado na vila de Sacavém, e onde conseguimos alcançar o 1.^o lugar, conquistando assim uma taça instituída para o referido torneio.

— Por enquanto só, pensamos em desenvolver o mais possível a nossa secção de futebol. Mas temos já há muito pensado em formar secções de ciclismo, natação e ping-pong, mas por enquanto ainda não o fizemos em virtude de não terem ainda aparecido praticantes à altura dessas modalidades.

E dispunhamos a terminar quando o sr. João Francisco José ainda nos disse:

— Ao terminar desejamos que faça o público agradecimento à direcção de «A Província» pela oportunidade que nos deu em dar um pouco a conhecer da nossa vida a todos os montijenses,

Actualidades
do
Mundo

No próximo
número:



Uma letra a desconto... Portugal

(Continuação das páginas centrais)

dia de grande gala... Havia chegado a altura de Pulquéria apagar as velas. Todos os olhos foram assentados na «adolescente», que... encheu de ar puro a sua caixa torácica e desfechou toda a sua capacidade ciclónica sobre o bolo... Apenas conseguiu apagar uma das pequeninas velas, com uma casca de feijão, arrecadada da véspera, num dos intervalos dos seus dentes e que foi bater em cheio como tiro de caçador, no primeiro pavio que encontrou à sua libertação.

Naquele momento solene, do apaga e acende, anunciavam a chegada do vizinho do lado. Asdrubal, muito tímido, na sua balaia de nylon, felicitou o cadáver em testa, trazendo envolto num papel de embrulhar manteiga, um murcho ramo de gira-sóis. A felicitada ao receber o embrulho, com uma lágrima na pupila dançando o «Vira Minhoto», sorriu apenas com a parte esquerda do seu rosto, o lado do coração, para ser mais significativo, muito embora nesta altura não soubesse onde ele se encontrava, pois que todo o corpo lhe palpitava.

Com o vapor das bebidas, onde sobressaíam as gasosas e as águas do castelo, Asdrubal, sentia-se cabecinha leve e então deu-se o inevitável. Tendo perdido completamente o juízo, faz a abertura solene (tal como nas grandes óperas) do seu pedido de casamento, pedindo a mão descarnada e nervosa, da extremosa filha daquele casal extremo. A festa, tinha por tanto chegado aos extremos, enquanto que na saleta ao lado, outros pares dançavam o «Neurasténico».

O sr. Rogado, não se fez rogado, e agarrando-se de-

esperadamente àquela única oportunidade de desconto de uma letra, que já vinha sendo reformada há bastantes anos, entabulou imediatamente as negociações do saque, não marcando contudo qualquer prazo, por desconhecer a amplitude financeira do sacador.

Depois deste dia, alguns anos se passaram e aquela letra do papá Rogado nunca chegou a ser descontada, pois que Asdrubal o sacador, ainda hoje aguarda paciente que lhe seja concedida a licença de uso e porte de arma, para poder levar esta peça de artilharia, a que o registo, deu o nome de Pulquéria...

Nuno de Menezes

O problema da travessia do Tejo

(Continuação da 1.ª página)

táveis, foram construídas pela C. União Fabril no Barreiro em frente às suas fábricas, as quais têm correspondido inteiramente aos fins para que foram construídas e se mantêm em estado satisfatório sem necessidade de dispendiosos trabalhos de conservação.

Sendo muito menor a extensão do canal previsto para o acesso desta Estação do que o construído pela União Fabril, é legítimo esperar que tanto este como o espaço abrigado dentro da doca, se mantenham em boas condições, sem necessidade de dragagens frequentes.

Eng. António Belo

(Continua)

na Índia

(Continuação da 1.ª página)

mente é visto com simpatia pelo sr. Nehru.

Mas o que sabemos com certeza é que os valentes portugueses que nessas paragens se encontram, defendendo calma e conscientemente a sua pátria, terão com eles devotadamente unidos e profundamente irmanados no mesmo sentimento os seus irmãos de raça espalhadas pelas cinco partes do Mundo e estes que aqui estão no cantinho da Península, olhando ansiosos o mar e confiantes no futuro.

Ruy de Mendonça

Médicos da Seiva

(Continuação da última pág.ª)

Independentemente, a D. G. S. A., subsidia a construção de silos, fornece os projectos e assiste-lhes, tanto na edificação como na prática de ensilagem.

No ano de 1953, e na área da Brigada, promoveu-se a construção de 25 silos com o subsídio global de 50 contos.

Dr. Cabral Adão

SANFER, L. DA

SEDE

LISBOA, Rua de S. Julião, 41-1.º

ARMAZÉNS

MONTIJO, Rua da Bela Vista

AEROMOTOR SANFER o moíno que resistiu ao ciclone - FERROS para construções, ARAMES, ARCOS, etc.

CIMENTO PORTLAND, TRITURAÇÃO de alimentos para gados

RÍCINO BELGA para abubo de batata, cebola, etc.

CARRIS, VAGONETAS e todo o material para Caminho de Ferro

ARMAZÉNS DE RECOVAGEM

A SUINICULTURA

(Continuação da primeira página)

com as que ocorrem normalmente no número de porcos que chegam ao mercado nos diversos dias da semana; contudo os dias em que observam melhores preços são aqueles em que é maior a afluência de animais para venda.

É interessante exemplar a forma como o Departamento de Agricultura mantém os produtores informados das perspectivas comerciais do ano.

Por volta de 30 de Dezembro e de 30 de Junho de cada ano o Governo faz publicar e distribuir relatórios designados por «Breeding Intentious» e «Pig Farrowings» em que se, enumeram e expõem as perspectivas de criação e as ninhadas paridas em todo o território da União.

Duas vezes por ano, o U. S. Bureau of Agricultural Economics em colaboração com o U. S. Post Office (correios) executa um estudo afim de determinar a quantidade de leitões produzidos nos seis meses anteriores e estabelecer a comparação com o período correspondente do ano anterior. Também se informa das intenções dos criadores para a Primavera e Outono seguintes

tes a Dezembro e Junho respectivamente.

É em face destes e de outros elementos que os agricultores americanos mais arriscados fazem os seus cálculos em defesa das respectivas bolsas.

As festas do Barrete Verde em Alcochete

(Continuação da 1.ª página)

tiva, embora sem grande encanto, tendo o curro de Toiros da Sociedade Agrícola e Pecuária de Santo Estêvão cumprido regularmente.

Os cavaleiros, Estêvão de Oliveira Fernandes que prestou provas para alternativa e Dr. Fernando Salgueiro que obteve grande êxito no seu 2.º touro, deixaram a assistência bem impressionada.

O mesmo se não pode dizer do espada Bartolomé Gimenez Torres, que positivamente nos desiludiu.

O novilheiro Armando Soares foi valente e teve rasgos de verdadeiro artista.

Manuel Rodrigues, da Escola de Patrício Cecílio da Golegã foi muito aplaudido.

O grupo de forcados de Alcochete, chefiados valentemente por António Sequeira deram bem a nota emocionante da Festa Brava, destacando-se pelo seu destemor além de Sequeirinha (cabo) Carraca, Bocim e Veiga que foi valentíssimo tendo por último sido colhido com certa gravidade.

As largadas de touros pelas ruas da vila, tão do agrado da nossa gente da borda d'água, foram movimentadas como de costume, com improvisados toureiros, capinhas e forcados muitas correrias e basta pancadaria.

Folhetim de «A Província»

N.º 20

O segredo do espelho

por

Augustus Muir

O almoço terminou, e dei ordem a Dunstan para avivar o fogo na biblioteca, dizendo-lhe que precisava de trabalhar.

Na realidade que eu desejava era evitar mais intimidades com a jovem, e sem que ela o percebesse aconselhei-a a que se distraísse até à hora da merenda, enquanto eu ia para a biblioteca.

Era uma grande sala, duas vezes maior que a casa de jantar, e com as paredes guarnecidas de enormes estantes de carvalho.

Eu tinha já constatado ao mexer nos papeis de meu

avô, que ali estavam obras de real valor.

E na verdade as facturas de compra atestavam bem o preço porque grande parte das obras tinham sido compradas.

No domingo anterior havia procedido ao exame dos papeis de Felix Swinburn, estudado os seus livros de contas, a sua caderneta de cheques, mas não havia encontrado o mais pequeno indicio que me levasse a concluir de onde vinha o dinheiro para tantas compras avultadas e certas prodigalidades.

Pus-me então a pensar ao mesmo tempo que vaga-

rosamente olhava os livros nas estantes, se a visita de «Mister» Paul não teria um ponto de contacto com o passado de meu avô.

Mas, em tudo que encontrava não achava a menor referência aos nomes de «Mister» Paul e muito menos de Lucille Paradene!

Resolvi recomençar a minha consulta a toda a documentação, levando a mão à algibeira, retirei o molho de chaves do cofre, e abri-o nervosamente.

É que no meu espírito começava a desenhar-se uma ideia.

Ao abrir a primeira gaveta, não pude deixar de soltar um grito.

Não havia dúvida, à medida que fui abrindo todas as outras confirmava-se a minha hipótese.

Alguém tinha aberto o cofre e esvasiado o conteúdo das suas seis pequenas gavetas de ferro.

Todos os papeis de meu avô tinham desaparecido

CAPITULO V

Em que os dois vizinhos acabam por se zangar e «Mister Irvine» resolve ir chamar a policia.

Fiquei perplexo e sem saber o que fazer.

Eu podia imediatamente ir ter com Lucille Paradene e dizer-lhe que havia visto tudo quanto fizera na noite anterior, acusando-a em seguida de haver subtraído do cofre os documentos pessoais de meu avô.

Podia simplesmente continuar calado e agir na sombra sem nada dizer.

Foi por esta última maneira de proceder que me resolvi.

A minha ideia era simples.

Ir a casa de «Mister» German, conversar sobre o assunto do aluguer do Castelo, no decorrer da conversa, revelar-lhe-ia o assassinio de «Mister» Paul, depois... de acordo com a sua atitude ver-se-ia a conducta a seguir.

A minha entrevista exigia uma grande prudência...

Atravessei a pequena porta de ferro e dirigi-me para a casa. Quando ia bater à porta, um homem com fardamento de chauffeur abriu-a.

O seu aspecto não inspirava simpatia.

A tês escura, os olhos pequeninos, negros e muito afastados um do outro, dir-se-iam olhar toda a gente com um profundo desprezo.

Introduziu-me numa pequena sala, agradavelmente mobilada, e minutos depois «Mister» German fez a sua aparição.

Apareceu-me excelentemente bem humorado.

— Bom dia, «Mister» Irvine — disse ele cordialmente — que amabilidade de vossa parte, vir até aqui.

Tudo vai bem, segundo julgo, em Falcon Castle? Espero que a vossa inação forçada, vos não seja aborrecida.

(Continua)

José António Moedas APRESENTA



Conan Doyle e a «honestidade» dos seus amigos...

Certo dia, Conan Doyle, inolvidável criador desse super-polícia que fez e faz as delícias dos amadores de romances policiais, lembrou-se brincar um pouco com alguns dos seus amigos. Assim, de entre industriais, banqueiros, políticos, etc. com quem mantinha as mais amistosas relações, escolheu doze que eram tidos por pessoas de grande pureza e honestidade, e enviou-lhes outros tantos telegramas, todos deste estranho teor:

«Tudo descoberto, Foge imediatamente».

Sabem o que aconteceu? No prazo de um dia, nem um só desses «honrados» senhores deixou de arranjar modo de fugir de Inglaterra.

Cada terra com seu uso...

Na Birmânia, há uma pitoresca e invulgaríssima maneira de «divórcio». Se os conjuges não se compreendem da melhor maneira, e a única resolução a tomar é separarem-se, cada um acende a sua vela, ao mesmo tempo, deixando-as arder suavemente. O dono daquela que se apagar primeiro terá de abandonar o lar, que fica a ser pertença do outro.

Foi na América, claro!

Quando, na cidade de Filadélfia, se procedia ao julgamento duma bailarina acusada de usar, em público, uma vestimenta que tocava a imoralidade, o juiz pediu ao delegado que provasse a falta de decência do fato da bailarina em causa.

Imediatamente, o delegado resolveu a questão, dobrando o dito e metendo-o sem esforço dentro duma vulgar caixa de fósforos.

LEIA E MEDITE

Uma Quadra...

No relógio coração A corda chama-se Vida Se a morte lhe põe a mão, Temos a corda partida...

Sanz Vieira

E quatro pensamentos

Nunca as ilusões nos são mais queridas do que quando estamos em vistas de as perder. — Victor Cherbuliez

O cão é a virtude que, não se podendo fazer homem, fez-se animal. — Victor Hugo

Se resistimos às nossas paixões, é mais por fraqueza delas do que pela nossa força. — La Rochefoucauld

Os homens forçam-nos a ser prudentes, depois condenam-nos como medrosos. — Marquês de Marien.

Curiosidades

— O elefante é dos animais que tem o olfacto mais apurado.

— Há 4.000 anos na Assíria só se trabalhava cinco dias por semana.

— Na Índia, fala-se cerca de trinta línguas, derivando delas mais de 300 dialectos.

— A primeira profissão de Hitler parece ter sido pintor de tabuletas.

Responda, se souber

Teste N.º 6

1 — De onde é natural o escritor Manuel da Fonseca, autor do livro «O Fogo e as Cinzas»?

2 — Como é a raiz do sobreiro?

3 — Quem mantém presente-mente o «record» da prova l'orto-Lisboa em bicicleta?

4 — Qual era o grande pintor do século XV, que escrevia da direita para a esquerda?

5 — Que é a sacarose?

6 — Quem disse «Vós que sofreis porque amais, amai ainda mais. Morrer de amor é viver dele»?

7 — Quem escreveu o livro de contos «Litoral a Oeste»?

8 — Onde nasceu Soror Mariana Alcaforado, autora das célebres cartas de amor?

9 — Quem realizou o documentário cinematográfico «O Desterado», que foca a vida e obra do escultor Soares dos Reis?

10 — Como se chama a árvore de onde é extraída a borracha.

Solução do Teste n.º 5

1 — Japão.

2 — Konrad Boentgen.

3 — Oito.

4 — 1943.

5 — Alexandre Herculano.

6 — É uma teurapeutica usada há milhões de anos.

7 — De «As Pupilas do Sr. Reitor».

8 — Os Irmãos Lumiér.

9 — Os Cegos de Rubiães.

10 — New York.

PALAVRAS TROCADAS

Problema n.º 1

Grid for word puzzle with 8 rows and 11 columns.

1.º Grupo — HORIZONTAIS: 1 — Contundem. 2 — A pouca distância. 3 — Pedacos grandes. 4 — Caminhar. 5 — Medo. 6 — Em essa. 7 — Palácios. 8 — Seara.

CONCEITO: Na coluna central do 2.º grupo, sentido vertical, encontrar-se-á o apelido duma pessoa que neste jornal desempenha um cargo de grande responsabilidade.

(Solução no próximo número)

PALAVRAS CRUZADAS

Problema N.º 20

HORIZONTAIS: 1 — Pedra preciosa; únicos. 2 — Lavar de novo; epigrafe. 3 — Cabelos brancos; graça; viração. 4 — Plantas africanas de flores vermelhas para ornamentação; primeiro nome dum santo português. 5 — Serracena; ruim; luar. 6 — Nome de letra (pl.); casa produtora de filmes; graça (fig.). 7 — Esquadrão; simb. quim. da prata; governa. 8 — Acreditas; juntar. 9 — Caminhe; art. ant.; oferecei. 10 — O mesmo que rã; cobre de reboco. 11 — Consta; sulfureto de chumbo (pl.).

VERTICAIS: 1 — Variedades de coqueiros. 2 — Proposições; anel. 3 — Calcais; batráquio. 4 — Antes de Cristo; senhor; lugar. 5 — Interj. que imita uma pancada; capital do N. de Africa. 6 — Abalar; antiga divindade egípcia. 7 — Fama; mau humor. 8 — Prejudica às ocultas; pron. pess.; nome de letra. 9 — Solitário; mortalha com que Jesus Cristo foi sepultado. 10 — Base aérea; aferada a. 11 — Género de polipos.

Solução do problema n.º 19

HORIZONTAIS: 1 — As; ar; ac; to. 2 — Subpertosas. 3 — Eiras. 4 — Peta; acor. 5 — Bradais; ora. 6 — Cla; pro. 7 — Pia; caverna. 8 — Elsa; rios. 9 — Croas. 10 — Sobrestaram. 11 — Es; eu; as; sa.

VERTICAIS: 1 — As; pb; pe; se. 2 — Supercilios. 3 — Talas. 4 — Apeada; acre. 5 — Rei; réu. 6 — Traíramos. 7 — Ara; ata. 8 — Cosa; persas. 9 — Corri. 10 — Taforonotas. 11 — Os; ra; as; ma.

José António Moedas

Médicos da Seiva

pelo Dr. Cabral Adão

(Continuação do número anterior)

O passeio foi-me bastante salutar e instrutivo, embora eu não saiba correctamente traduzir a sensação de agrado que a visita ao Posto de Pegões me proporcionou.

E lançando um último olhar ao prado artificial, aos tractores que rebocam zorras com forragens ou com estrume dos estábulos, encantado neste ambiente de rusticidade sã, que cheira a vida útil, real e grata ao coração dos homens, despedimo-nos do Regente Oliveira com um apontamento de muita admiração pela sua inteira devoção ao sector aspérrimo e apaixonante que lhe está confiado.

Isto, quanto a lavoura experimental em propriedade do Estado, pois quanto ao mesmo género de demonstração e experiência, em propriedades particulares, fala nos de maneira segura e agradável, a competência experimentada do Regente Benavente.

Para a instalação desses campos, muito concorreu a F. O. A. (Foreign Operation Administration) que é uma divisão da F. A. O. (Food and Agriculture Organization of the United Nations) organismo que fornece sementes, adubos, correctivos e dinheiro.

Instalaram-se 24 campos de trevo com 14 hectares e 24 de luzerna com 22,8 hectares, pela área de acção da Brigada. Paralelamente, também no ano corrente, foram instalados 39 campos de milhos híbridos, com a área de 36 hectares.

Sobre o hibridismo, que é o cruzamento entre espécies diferentes, quer nos animais (a mula por exemplo, filha de cavalo e jumenta) quer nos vegetais (o milho híbrido, por exemplo, obtido por fecundação artificial de duas castas) muito haveria a dizer. Mas, para o carácter ligeiro desta exposição, basta assinalar que o produto híbrido tem um vigor extraordinário, muito superior, em pujança produtiva, ao resultante da fecundação natural; e que o hibridismo impera em todos os países de agricultura progressiva. Saiba-se também que, no entanto, o vigor híbrido termina nas formas saídas, havendo necessidade de recorrer a sementes que provenham de fecundação artificial originária, para nova cultura (v. g. a mula, que nunca deu descendência).

Ao mesmo tempo que se escolhem os campos, nomeiam-se os seus proprietários lavradores-guias, cada um dos quais, por sua vez, promove a instalação de X campos nas propriedades de outros lavradores-secundários, sob a sua influência. É a nódoa de azeite, na síntese feliz que o Engenheiro Mira me facultou, recostadona sua cadeira.

Na zona de acção do Regente Benavente, conseguiram-se 4 guias nos trevos, 4 nas luzernas e 12 nos milhos; e, respectivamente, 20, 20, e 27 secundários.

O milho híbrido tanto serve para forragem como para consumo humano.

(Continua na página sete)

de CIÊNCIA

O QUE É O CINEMASCOPIO

A 7.ª arte que desde a notabilíssima invenção do «sonoro», poucas transformações de vulto, no tocante à projecção sofreu, entrou, com a passagem do meio século, num novo ciclo de descobertas.

Surgiram, quase repentinamente, os mais variados processos e sistemas, apresentando cada um, as suas inovações, de muita ou pouca nota, tendo porém sempre em vista dar ao espectador maior emoção, mais beleza, e sobretudo mais realidade.

Da descoberta do célebre 3-D, a esta parte, muitas tentativas se fizeram em prol do cinema. Das que não passaram a história como fulgurantes estrelas cadentes, uma houve que mercê da sua técnica mais perfeita aliada a uma simplicidade (não necessita dos incómodos óculos especiais) tem vindo a conquistar um lugar à parte no futuro do cinema a três dimensões. É o Cinemascope.

Inventado pelo cientista francês Henri Chrétien, o Cinemascope, compõe-se dum sistema de lentes cilíndricas (um plano — convexa e outra biconcava), que deforma as imagens, podemos dizer, «comprimindo-as», e depois as torna a rectificar, quando elas são projectadas numa tela, que neste caso é duas vezes e meia maior que o tamanho habitual. O campo visual que ele nos oferece aproxima-se sensivelmente daquele que é facultado aos nossos olhos.

O grande triunfo desta invenção está, sem dúvida, na lente (base

principal deste sistema), que uniformiza as imagens antecipadamente deformadas. Permite-se assim fotografar através duma câmara de 35mm os mais vastos cenários.

Na projecção das películas (que se fará num «écran» curvo para nos dar, se não a impressão de relevo, pelo menos a de «nitida profundidade») voltar-se-á à primeira forma. Isto é, uma lente encarrega-se de reconstituir na sua forma correcta a imagem que se encontrava deformada,

Para o espectador, que de qualquer lado onde se encontre vê sempre as imagens de frente, ter ainda a sensação da maior realidade são colocados no «écran» três grandes alto-falantes e outras tantas pistas sonoras.

Como apontamento, diremos que a primeira produção filmada por este processo foi «A Túnica», baseada no célebre romance do mesmo nome, escrito por Lloyd Douglas.

Larangina

Refresca e vitamina

Larangina

À venda nos estabelecimentos mais categorizados